



SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA

BELLS AND BOWLS
NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA



BELLS AND BOWLS
NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção e orientação gráfica: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves.

10.

GONÇALVES, V. S., ed. (2017) – *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. estudos & memórias 10. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 364 p.

Capa e contracapa: Victor S. Gonçalves e TVM Designers.
Capa: vaso «campaniforme» do escultor Francisco Simões, Edição Multiface 1/1500. Produzido em 1988 no Atelier Vasconcelos. Francisco Simões nunca tinha visto um vaso campaniforme autêntico. Contracapa: detalhe da superfície externa do vaso proveniente da necrópole do Casal do Pardo, sem indicação de gruta. MNA 984.670.53. Fotos Victor S. Gonçalves.

Paginação e Artes finais: TVM designers

Impressão: AGIR Produções Gráficas
300 exemplares

ISBN: 978-989-99146-5-0 / Depósito Legal: 435 925/17

Copyright ©, 2017, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.

Lisboa, 2017.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa*. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 623 p.

SINOS E TAÇAS

JUNTO AO OCEANO E MAIS LONGE.
ASPECTOS DA PRESENÇA CAMPANIFORME
NA PENÍNSULA IBÉRICA



BELLS AND BOWLS
NEAR THE OCEAN AND FAR AWAY.
ABOUT BEAKERS IN THE IBERIAN PENINSULA

VICTOR S. GONÇALVES (Ed.)

TÁBUA

Sinos, taças e coisas assim, junto ao oceano e mais longe. Algumas reflexões sobre a presença campaniforme em Portugal VICTOR S. GONÇALVES	6
O campaniforme de Alcalar no contexto do extremo sul ELENA MORÁN	28
Para uma leitura sociopolítica do campaniforme do Guadiana. Longas viagens com curta estada no Porto das Carretas JOAQUINA SOARES	38
<i>We are ancients, as ancient as the sun</i> : Campaniforme, antas e gestos funerários nos finais do 3.º milénio BCE no Alentejo Central RUI MATALOTO	58
Approaching Bell Beakers at Perdigões enclosures (South Portugal): site, local and regional scales ANTÓNIO CARLOS VALERA • ANA CATARINA BASÍLIO	82
O Barranco do Farinheiro (Coruche) e a presença campaniforme na margem esquerda do baixo Tejo VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA • MARCO ANDRADE	98
O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade JOÃO LUÍS CARDOSO	126
Entre os estuários do Tejo e do Sado na 2.ª metade do III milénio BC: o fenómeno campaniforme CARLOS TAVARES DA SILVA	142
<i>Entre a Foz e a Serra</i> : apontamentos sobre a cerâmica campaniforme do povoado pré-histórico da Parede (Cascais) VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA • MARCO ANTÓNIO ANDRADE • ANDRÉ PEREIRA	158
Ritmos de povoamento e cerâmica campaniforme na área da Ribeira de Cheleiros (Mafra e Sintra, Lisboa) ANA CATARINA SOUSA	170
Campaniforme em Zambujal (Torres Vedras) MICHAEL KUNST	194

Beakers in Central Portugal: social roles, confluences and strange absences	214
ANTÓNIO CARLOS VALERA	
.....	
A looking in view: cultural expressions of Montejunto Bell Beakers	230
ANA CATARINA BASÍLIO • ANDRÉ TEXUGO	
.....	
Bell beaker contexts in Portugal: the northern and the Douro region basin	238
MARIA DE JESUS SANCHES • MARIA HELENA LOPES BARBOSA	
ALEXANDRA MARIA FERREIRA VIEIRA	
.....	
El fenómeno campaniforme en el Sudeste de la Península Ibérica: el caso del Cerro de la Virgen (Orce, Granada)	258
FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ • JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO	
ALBERTO DORADO ALEJOS • MARÍA VILLARROYA ARÍN	
.....	
La cerámica campaniforme del Cerro de la Encina (Monachil, Granada). Nuevas aportaciones al complejo cultural del Sureste	276
ALBERTO DORADO ALEJO • FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ	
JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO • JESÚS GÁMIZ CARO	
.....	
Producción y consumo de cerámica campaniforme en Valencina de la Concepción 00(Sevilla, España): una propuesta interpretativa desde el análisis de los contextos de la calle Trabajadores	288
NUNO INÁCIO • FRANCISCO NOCETE • ANA PAJUELO PANDO	
PEDRO LÓPEZ ALDANA • MOISÉS R. BAYONA	
.....	
Campaniforme y Ciempozuelos en la región de Madrid	302
CORINA LIESAU VON LETTOW-VORBECK	
.....	
Redefining Ciempozuelos. Bell-beaker culture in Toledo?	324
PRIMITIVA BUENO-RAMÍREZ • ROSA BARROSO-BERMEJO • RODRIGO BALBÍN-BEHRMANN	
.....	
La sal y el campaniforme en la Península Ibérica: fuente de riqueza, instrumento de poder ¿y detonante del origen del estilo marítimo?	342
ELISA GUERRA DOCE	
.....	
A metalurgia campaniforme no Sul de Portugal	354
ANTÓNIO M. MONGE SOARES • PEDRO VALÉRIO • MARIA FÁTIMA ARAÚJO • RUI SILVA	
.....	
Workshop Sinos e Taças (campaniformes). Algumas imagens	364
.....	

|||||

PRODUCCIÓN Y CONSUMO DE CERÁMICA CAMPANIFORME EN VALENCINA DE LA CONCEPCIÓN (SEVILLA, ESPAÑA): UNA PROPUESTA INTERPRETATIVA DESDE EL ANÁLISIS DE LOS CONTEXTOS DE LA CALLE TRABAJADORES

NUNO INÁCIO

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Grupo de Investigación *MIDAS III Milenio ANE* (HUM-610)
Departamento de Historia I. Universidad de Huelva
nunominacio@gmail.com

FRANCISCO NOCETE

Grupo de Investigación *MIDAS III Milenio ANE* (HUM-610)
Departamento de Historia I. Universidad de Huelva
nocete@dhis1.uhu.es

ANA PAJUELO PANDO

Grupo de Investigación *TELLUS. Prehistoria y Arqueología en el Sur de Iberia* (HUM-949)
Departamento de Prehistoria y Arqueología. Universidad de Sevilla
anapajuelo@gmail.com

PEDRO LÓPEZ ALDANA

Grupo de Investigación *TELLUS. Prehistoria y Arqueología en el Sur de Iberia* (HUM-949)
Departamento de Prehistoria y Arqueología. Universidad de Sevilla
aldanaostrogodo@gmail.com

MOISÉS R. BAYONA

Grupo de Investigación *MIDAS III Milenio ANE* (HUM-610)
Departamento de Historia I. Universidad de Huelva
moises.rodriguez@dhis1.uhu.es

|||||

RESUMEN El asentamiento de Valencina de la Concepción (Sevilla, España) es un referente en la arqueología prehistórica peninsular, no sólo por sus grandes tumbas, sino también por su gran magnitud. A pesar de las innumerables evidencias sólo recientemente la componente cerámica ha sido objeto de un amplio estudio que ha permitido proponer un primer modelo de organización técnica y social de la producción alfarera. Por el contrario, la presencia de cerámica campaniforme es relativamente escasa y se reduce a pequeños fragmentos procedentes de contextos superficiales o de excavaciones arqueológicas antiguas. No obstante, trabajos arqueológicos recientes en el área habitacional del asentamiento ubicada en la parte más alta del asentamiento han aportado novedosas informaciones y una lectura adicional sobre estas producciones. La presencia de un gran número de registros campaniformes abría la posibilidad de evaluar las características de la materias primas utilizadas y de los procesos de manufactura, explorar su significado simbólico y plantear propuestas alternativas de interpretación sobre el papel de estas producciones cerámicas como vehículos de legitimación de poder.

PALABRAS-CLAVE: Campaniforme; Bienes de Prestigio; Materias-Primas; Control Político; Poder Simbólico

ABSTRACT The settlement of Valencina de la Concepción (Seville, Spain) is one of the most important sites in the Iberian Prehistory, not only for its great tombs, but also due to its magnitude. Unlike utilitarian vessels, frequent in the archaeological record, the presence of bell beaker ceramics is relatively scarce and is reduced to small fragments from superficial contexts or early archaeological excavations. However, recent archaeological work in the upper part of the settlement has provided new information and additional readings on these productions. The presence of a large number of bell beaker sherds found in association with prestige goods gave us the possibility to evaluate the manufacturing processes and explore their symbolic meaning, proposing alternative interpretations about the role of these items as vehicles for the legitimation of power.

KEYWORDS: Bell Beaker Pottery; Prestige Goods; Raw Materials; Political Control; Symbolic Power

INTRODUCCIÓN

Bajo el nombre de campaniforme aparece, desde principios del siglo XX, todo un repertorio que, en base a unas determinadas formas cerámicas (vasijas con forma de campana invertida) y unas técnicas/motivos decorativos específicos, fijaba periodos históricos absolutamente dispares entre sí, englobándolos bajo un epígrafe uniforme, el de la «Cultura del Vaso Campaniforme» e identificándolos con pueblos, círculos culturales, etnias, razas, flujos migratorios, etc. (Orihuela, 1999: 205). En efecto, el Campaniforme suponía estudiar una etapa más del desarrollo de la Prehistoria, entre la Edad del Cobre (Calcolítico) y la Edad del Bronce, en base a una preocupación obsesiva por su origen, primero dentro del paradigma oriental del *ex oriente lux* y después centrando el debate en Europa como origen del fenómeno, entre la Península Ibérica, Centroeuropa o los Países Bajos (Garrido-Pena, 2000 y 2005).

Los trabajos de Clarke (1976) supusieron una ruptura teórica definitiva sobre la forma de estudiar el campaniforme, estableciendo las bases teóricas funcionalistas sobre las transformaciones económicas y sociales asociadas a este fenómeno. Así, el campaniforme y otros elementos de la cultura material que a menudo se asociaban a éstas vasijas (botones de hueso con perforaciones en «V», puñal de lengüeta en cobre, punta palmela en cobre, adornos de oro, brazaletes de arquero, etc.) pasaron a ser interpretados como «ítems de prestigio» utilizados por elites guerreras, inscritos en amplias redes comerciales y cuya posesión marcaba la existencia de asimetrías sociales. Este autor sugiere que las cerámicas campaniformes serían producidas por artesanos especializados para el intercambio y debían tener un valor social como marcadores del rango o del *status* de sus poseedores, ya que se trataban de producciones de elevada calidad que implicaban una inversión de tiempo y trabajo superior si se comparaban con otros recipientes.

Una de las más recientes y sugestivas aportaciones al estudio del campaniforme se centra en los análisis para determinar el contenido orgánico de los recipientes. En algunos trabajos de A. Sherratt (1997) este autor llega a proponer que la cerámica campaniforme se encuentra asociada a elites guerreras y a rituales masculinos de ostentación del poder relacionados con el consumo de bebidas como la cerveza e hidromiel, e incluso con la ingestión de sustancias psicotrópicas durante ocasiones especiales como fiestas, rituales o celebraciones, utilizadas como poderosos instrumentos de legitimación ideológica, de consolidación del orden social o de coacción simbólica. El incremento de las investigaciones alrededor del análisis de contenidos ha permitido identificar en los últimos años y en varios contextos peninsulares una serie de sustancias psicoactivas como la cerveza, hidromiel, alcaloides alucinógenos como la

hiosciamina, cannabis e incluso opiáceos (Guerra Doce, 2006).

En los últimos años se ha observado en el panorama ibérico una paulatina preocupación por analizar el fenómeno campaniforme desde perspectivas regionales (Rojo-Guerra *et al.*, 2005), incorporando distintos y novedosos enfoques teóricos con el apoyo de técnicas de análisis arqueométrico aplicados a los numerosos elementos del «pack» campaniforme que ha permitido proponer nuevos significados alrededor de las comunidades que utilizaron estos ítems.

No obstante, al contrario por ejemplo que en Andalucía Oriental, donde una tradición teórica más consolidada y el desarrollo de varios proyectos de investigación han contribuido al debate sobre el significado de estas producciones, en Andalucía Occidental los trabajos sobre el campaniforme han estado orientados principalmente a estudios de carácter tipológico y estilístico (Lazarich, 1999 y 2005). En este sentido, el yacimiento prehistórico de Valencina de la Concepción es paradigmático de una tradición teórica con raíces en el historicismo. Así pues, a pesar de los tímidos intentos por enfatizar la importancia del asentamiento prehistórico de Valencina de la Concepción, todavía a finales de la década de los 80 se discutía su desarrollo interno y la adscripción cronológica y cultural en base a la presencia y/o ausencia de determinados ítems cerámicos como el campaniforme (Caro, 1989; Martín de la Cruz y Miranda, 1988).

Las características del conjunto prehistórico de Valencina de la Concepción le conceden un gran protagonismo en el entramado social que se desarrolla en el Sur de la Península Ibérica desde la segunda mitad del IV hasta finales del III Milenio A.N.E. La ordenación territorial del bajo Guadalquivir durante la primera mitad del III Milenio A.N.E. se expresa desde un armazón social complejo que alcanzará su máxima expresión alrededor del 2500 A.N.E. Por esas fechas, según las dataciones de radiocarbono actualmente disponibles, Valencina de la Concepción representaba la cabeza de un territorio que controlaba toda la cuenca baja del Guadalquivir y los territorios periféricos, convirtiéndole en un centro de poder (Costa Caramé, *et al.*, 2010; García Sanjuan *et al.*, 2013; López Aldana y Pajuelo, 2001 y 2011; Nocete, 2001; Nocete *et al.*, 2008, 2011 y 2013; Pajuelo y López Aldana, 2001 y 2016). Su ubicación en las proximidades del antiguo estuario del Guadalquivir y de los recursos mineros del norte y oeste, le transformaron en una «puerta de entrada» con capacidad de articular, controlar y redistribuir los recursos de origen regional (cobre, variscita, sílex, tufita, mármol, oro, cinabrio, etc.) y transcontinental (marfil), y en un centro de transformación de los mismos en productos, como evidencia la existencia áreas artesanales dedicadas a la metalurgia o a la fabricación de objetos de marfil (Nocete *et al.*, 2013; Nocete, 2014) (Fig. 1).

La componente cerámica de Valencina de la Concepción sólo recientemente ha sido objeto de un amplio estudio inserto en el proyecto de Tesis Doctoral realizado por el primer signatario del presente trabajo (Inácio, 2015), lo que ha permitido proponer un primer modelo de organización técnica y social de la producción alfarera en este yacimiento. El análisis de las materias primas y de las tecnologías de fabricación de la cerámica común documentada en una amplia área ubicada al sureste del asentamiento, en el área del barrio metalúrgico, ha permitido observar una tendencia hacia una mayor estandarización de los procesos de producción, lo que sugiere una transformación en la organización social de la producción alfarera y plantear la hipótesis de la existencia de un modelo económico y social organizado alrededor de unidades supradomésticas que evidencian ya un cierto grado de especialización económica.

Por todo lo expuesto, la presencia de un gran número de registros campaniformes en las excavaciones arqueológicas en la calle Trabajadores abre un nuevo ámbito de investigación, ya que ofrecía no sólo la oportunidad de analizar su significado, sino que permitía evaluar los patrones de producción, distribución y consumo de estas producciones cerámicas y contrastar los datos con los obtenidos por el análisis de la cerámica de uso común.

LOS CONTEXTOS DE LA CALLE TRABAJADORES Y EL CAMPANIFORME EN VALENCINA DE LA CONCEPCIÓN

Los contextos arqueológicos de la calle Trabajadores se ubican en el sector habitacional y productivo del asentamiento prehistórico de Valencina de la Concepción (Cruz-Auñón y Arteaga, 1999), sobre una meseta al noroeste del casco urbano. Según la Carta Arqueológica de Valencina de la Concepción (Vargas, 2004), esta zona presenta una elevada potencia estratigráfica y una gran concentración de elementos arqueológicos, identificados durante intervenciones arqueológicas de excavación o de seguimiento a lo largo de los últimos años en varios solares localizados en las proximidades (Fig. 2).

El sector central del solar excavado se configura como el de mayor complejidad en cuanto a la secuencia estratigráfica de las estructuras identificadas. En términos generales, el registro arqueológico se caracteriza por una gran complejidad de estructuras excavadas en las margas calcáreas que forman el subsuelo, de varias dimensiones y con agujeros para colocación de postes de soporte de la cubierta (Fig. 3). La presencia de estructuras de combustión, cerámica de consumo (platos y fuentes) y preparación para el consumo (ollas) y la abundante fauna asociada, revelan la existencia de áreas domésticas generalizadas. Sin embargo, el registro de depósitos funerarios humanos, cráneos y partes del esqueleto axial en conexión anatómica, señalan la



FIG. 1 Localización del asentamiento prehistórico de Valencina de la Concepción y poblamiento del III Milenio a.n.e. alrededor del paleoestuario del Guadalquivir.

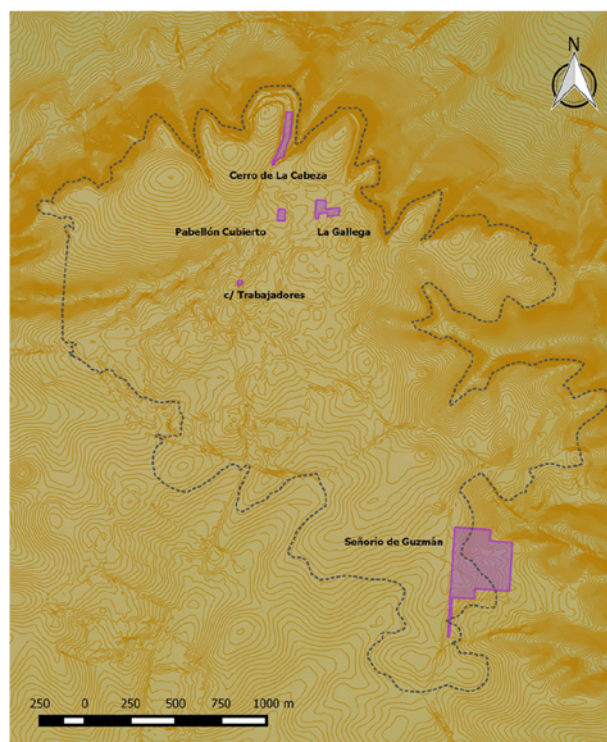


FIG. 2 Ubicación de los contextos arqueológicos en el asentamiento prehistórico de Valencina de la Concepción donde fueron documentadas cerámicas campaniformes (Cartografía elaborada por J. C. Mejías).

existencia de prácticas de ritualización de este espacio social. En este área, la estructura más reciente muestra un nivel diferenciado de información, ya que en su interior, asociado a un área de consumo y preparación para el consumo se han documentado tres hachas de cobre de diferentes tamaños y características, apiladas y con improntas o marcas adheridas de fibra vegetal. Otro de



FIG. 3 Estructuras arqueológicas documentadas en la calle Trabajadores.

los elementos metálicos de importancia y que define este contexto, en relación directa con el hallazgo de las hachas, es una lámina de oro batido que ha aparecido retorcida en forma de lazo (López Aldana y Pajuelo, 2013; Pajuelo y López Aldana, 2016; Nocete *et al.*, 2014).

En el sector sur del área excavada fue detectada una estructura circular en un excelente estado de conservación, al no haber sido afectada por ninguna intrusión o incidencia contemporánea. La secuencia estratigráfica interna muestra un contexto arqueológico donde destaca la presencia de cerámica decorada de estilo campaniforme, así como otros elementos de carácter simbólico, como un ídolo cilindro oculado realizado en caliza.

Aunque no asociadas directamente a los niveles campaniformes, las dataciones radiométricas (Ua 43929 4070±42 BP; Ua 43928 3858±30 BP) obtenidas en el contexto de la calle Trabajadores permiten observar una larga diacronía de ocupación, que se distribuye entre el segundo y el tercer cuarto del III Milenio A.N.E. La superposición de estructuras, señala una ocupación ininterrumpida y masiva de este espacio social, coincidente con el momento de máxima expansión del asentamiento, de la construcción de sus tumbas más monumentales y con la intensificación de su actividad metalúrgica (Nocete *et al.*, 2011).

La presencia de cerámica campaniforme es uno de los elementos más relevantes identificados en la excavación del solar nº 14/18 de la calle Trabajadores. En total se han identificado 336 fragmentos de cerámica campaniforme, la mayoría de los cuales registrados en una única estructura que parece haber sido previamente sellada mediante la deposición ritual de restos humanos. En términos generales, el conjunto campaniforme es muy homogéneo, predominando los estilos decorativo de tipo Marítimo y Punteado Geométrico, algunos con motivos impresos asociados (Fig. 4). Además, habría que señalar la presencia de relleno de pasta blanca asociada a todos los estilos decorativos. Los motivos incisos y los recipientes no decorados con morfologías acampa-

nadas, aunque presentes, son claramente minoritarios.

El hallazgo de campaniformes en las intervenciones arqueológicas de la calle Trabajadores constituye hasta el momento la mayor concentración de este tipo de cerámica en todo el asentamiento. A pesar de las numerosas intervenciones arqueológicas que se han desarrollado en las últimas décadas en Valencina de la Concepción, la cerámica campaniforme ha sido escasamente documentada y procede a menudo de hallazgos superficiales o de contextos estratigráficos imprecisos. Es el caso, por ejemplo, de los fragmentos campaniformes identificados en los sondeos llevados a cabo en 1975 en el Cerro de la Cabeza, asociados a una probable estructura habitacional identificada en el denominado Corte A (Fernández y Ruiz, 1978; Fernández y Oliva, 1986) y que ha llevado a estos autores a caracterizar este horizonte cultural en todo el asentamiento, o las referencias a algunos fragmentos de cerámica recuperadas en las excavaciones de La Gallega (Martín y Ruiz, 1992).

Recientemente, ha sido documentado un conjunto igualmente significativo de cerámica campaniforme en las excavaciones realizadas en el Pabellón Cubierto (Ortega, 2013). En total se han identificado cerca de tres centenares de fragmentos de cerámica campaniforme, la gran mayoría de ellos de pequeño tamaño y con aspecto muy rodado, lo que sugiere un contexto deposicional erosivo.

Los contextos arqueológicos aquí referidos (Cerro de Cabeza, La Gallega y Pabellón Cubierto) se encuentran localizados al nordeste de la calle Trabajadores y se insertan dentro del sector habitacional y productivo del asentamiento prehistórico de Valencina de la Concepción (Cruz-Auñón y Arteaga, 1999 y 2001), aunque en el caso del Cerro de la Cabeza sean conocidos registros funerarios asociados a una tumba de tipo *tholos*.

Asimismo, en el área funeraria al sureste del asentamiento, en el término municipal de Castilleja de Guzmán, en el área conocida como Señorío de Guzmán, se ha excavado un conjunto funerario constituido por cinco tumbas, donde dos de ellas, de tipo *tholos*, han ofrecido conjuntos campaniformes, incluyendo recipientes decorados (Arteaga y Cruz-Auñón, 1999; López Aldana *et al.*, 2015; Pajuelo y López Aldana, 2016). En la Tumba 1 se han documentado dos fragmentos, uno perteneciente a una forma acampanada con decoración impresa y otro correspondiente a un borde de un cuenco. En la Tumba 5 se han registrado cuatro fragmentos, uno correspondiente a un morfotipo acampanado con decoración del estilo Marítimo, y tres fragmentos, probablemente pertenecientes al mismo cuenco, con decoración geométrica. En ambos los casos, habría que enfatizar que además de las cerámicas campaniformes el ajuar estaba constituido por otros elementos de prestigio, incluyendo una lámina de oro.

La utilización de la parafernalia campaniforme en algunas tumbas de falsa cúpula en Valencina de la Concepción (Arteaga y Cruz-Auñón, 1999), pone de relieve la utilización de los rituales funerarios y de la memoria genealógica como elementos de legitimación y fuente de prestigio que emana desde los ancestros. En este sentido, se observa como en Valencina de la Concepción el ritual funerario, al igual que otros rituales de vida, se comporta como vehículo de propaganda para legitimar los intereses sociales en las relaciones de poder entre diferentes individuos o grupos (Shanks y Tilley, 1982).

Además, habría que enfatizar que la importancia de los contextos arqueológicos de la calle Trabajadores son reforzados por la asociación espacial de la cerámica campaniforme con elementos singulares como las terracotas ginemorfas (Nocete, 2001 y 2004), los núcleos de tufita procedentes de las canteras del Andévalo, fragmentos de ídolos placa decorados, bétilos, tres hachas de cobre con un peso superior a 4 Kg y láminas de oro, ausentes en las otras áreas del asentamiento y que tradicionalmente vienen siendo asociados a las elites. Ello

señala la presencia de un grupo social con capacidad de controlar la circulación de materias primas y que se expresan como grupo dominante desde el monopolio del uso de los productos simbólicos (cerámicas decoradas, oro, ídolos, etc.) que han funcionado como aparatos ideológicos de concentración del liderazgo.

La información aportada por la intervención de la calle Trabajadores señala la presencia de una elite social con capacidad de controlar la circulación de materias primas de procedencia externa y, ajenos a la producción de elementos discriminantes como el cobre, se expresan como grupo dominante desde el monopolio del uso y manipulación de algunos ítems simbólicos (cerámicas decoradas, oro, ídolos, etc.) que pudieron funcionar coactivamente como aparatos ideológicos.

MATERIAS-PRIMAS Y MANUFACTURA: LA CONTRIBUCIÓN DE LA ARQUEOMETRÍA

La caracterización de las materias primas, la determinación de su procedencia y la reconstrucción de los procesos de manufactura se han realizado mediante



FIG. 4 Cerámica campaniforme documentada en los contextos de la calle Trabajadores.

el análisis petrográfico, mineralógico (Difracción de Rayos-X) y químico (ICP-MS, ICP-ES y Microscopio Electrónico de Barrido). Los resultados han sido contrastados con el análisis de la cerámica común documentada en los mismos contextos arqueológicos y posteriormente con la cerámica estudiada procedente de los contextos del barrio metalúrgico (Inácio, 2015).

La gran mayoría de los recipientes campaniformes analizados, que incluye ejemplares lisos y otros decorados con todos los estilos identificados, fueron manufacturados con arcillas calcáreas. La observación de láminas delgadas en microscopio óptico reveló una matriz arcillosa de composición carbonatada y la presencia de microfósiles lo que sugiere la utilización de arcillas terciarias de la cuenca del Guadalquivir (Gálan y Pérez, 1989). Las inclusiones, que están presentes en un porcentaje que oscila entre 12-19%, están constituidas fundamentalmente por inclusiones de cuarzo, calcarenita, calcita, y en menor proporción de feldespatos, caliza micrítica, inclusiones arcillosas y fragmentos de roca plutónica y metamórfica (Fig. 5). La presencia, aunque minoritaria en algunas muestras, de fragmentos de roca de origen ígnea y metamórfica plutónica, así como de minerales ferromagnesianos en la fracción gruesa, sugiere la utilización probable de depósitos aluviales de los arroyos procedentes del norte de la provincia como desgrasante. Aunque algunas muestras de cerámica común de los contextos de la calle Trabajadores evidencien características mineralógicas similares a las cerámicas campaniformes, éstas se diferencian por exhibir pastas más compactas debido a la utilización de arcillas con desgrasante más fino (< 2 mm) y en menor porcentaje de inclusiones en comparación con el restante repertorio cerámico.

Sólo dos recipientes campaniformes han sido manufacturados con arcillas no calcáreas, procedentes probablemente de entornos geológicos foráneos. Una de las muestras, correspondiente a un recipiente decorado con el estilo punteado geométrico, presenta igualmente un pasta muy compacta, con menor contenido en inclusiones (12%) y de menor tamaño (< 1,1 mm), constituida fundamentalmente por una arena fina/media de cuarzo, cuya mineralogía no ha permitido determinar su origen. Otro recipiente analizado, por el contrario, exhibe características mineralógicas y texturales similares a la gran mayoría de la cerámica común, es decir, mayor contenido en inclusiones y de tamaño más grueso. Además, la presencia de cuarzo, plagioclasas, anfíboles y fragmentos de roca plutónica sugieren la zona del batolito de la Sierra Norte de Sevilla como probable origen de la materia prima utilizada (Rosa, 1992; Rosa y Castro, 2004).

Estos resultados son similares a los aportados por el análisis arqueométrico de las cerámicas procedentes de los contextos del Instituto de Enseñanza Secundaria

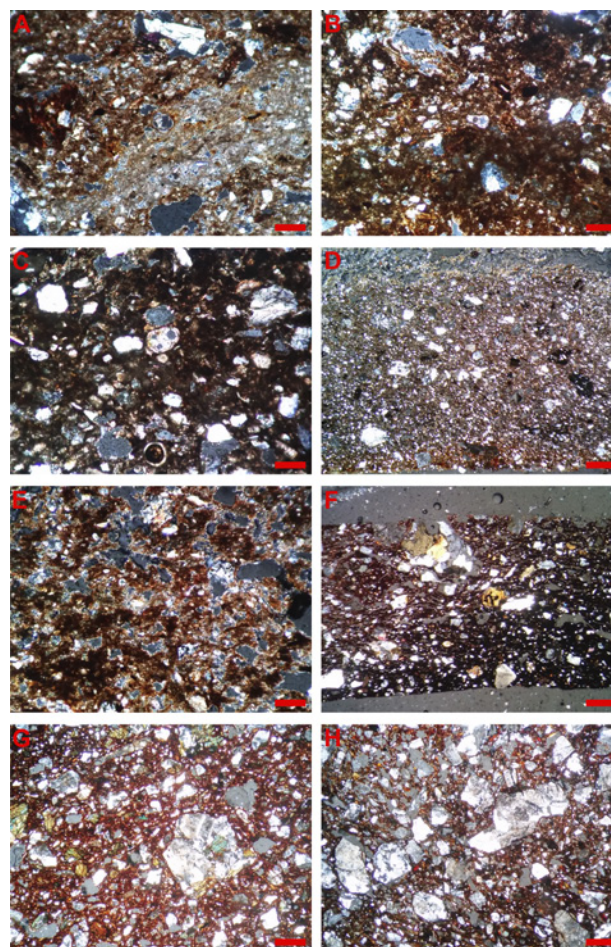


FIG. 5 Microfotografías de lámina delgada obtenidas en microscopio petrográfico (nicoles cruzados). A) Matriz arcillosa carbonatada con microfósiles perteneciente a un recipiente campaniforme no decorado (Escala = 0,2 mm). B) Matriz arcillosa carbonatada con microfósiles perteneciente a un recipiente campaniforme con decoración geométrica (Escala = 0,2 mm). C) Matriz arcillosa carbonatada con microfósiles de un recipiente campaniforme del estilo «Marítimo» (Escala = 0,1 mm). D) Matriz arcillosa de un recipiente campaniforme con decoración geométrica (Escala = 1 mm). E) Matriz arcillosa de un recipiente campaniforme con decoración geométrica (Escala = 0,2 mm). F) Matriz arcillosa de un recipiente campaniforme no decorado. Se observan inclusiones de roca plutónica de composición intermedia con plagioclasas y anfíboles (Escala = 1 mm). G) Matriz arcillosa de un recipiente de cerámica común. Se observan inclusiones de roca plutónica de composición intermedia/básica con plagioclasas, anfíboles y piroxenas (Escala = 1 mm). H) Matriz arcillosa de un recipiente de cerámica común. Se observan inclusiones de roca plutónica de composición ácida (Escala = 1 mm).

de Nueva Valencina, en el denominado barrio metalúrgico, donde se ha comprobado igualmente la utilización preferencial de arcillas secundarias procedentes de entornos geológicos dominados por rocas ígneas y metamórficas, ubicados a más de 12 km al norte del yacimiento (Inácio, 2015; Inácio *et al.*, 2012).

Por todo lo expuesto, se puede decir que además de la utilización diferenciada de tierras en relación a la cerámica común, se ha observado que la cerámica campaniforme de Valencina de Concepción presenta un tratamiento tecnológico más elaborado de la mate-

ria prima, con la selección de un desgrasante más fino, que raramente sobrepasa 1 mm, y en menor proporción porcentual. Este tratamiento más cuidado de la pasta cerámica se refleja en el recipiente y en sus superficies, menos rugosas y exentas de irregularidades, permitiendo menores grosores y tratamientos esmerados de la superficie exterior, con bruñidos cuidados y, a menudo, decoración.

En el caso de las decoraciones con relleno de pasta blanca, su análisis químico realizado en el microscopio electrónico de barrido señala una composición carbonatada en la mayoría del muestreo analizado. El análisis mineralógico por Difracción de Rayos-X ha permitido identificar calcita (CaCO_3) como única fase mineralógica presente. Ello sugiere que el relleno de pasta blanca de la mayoría de las cerámicas campaniformes de la calle Trabajadores se realizó mediante la utilización de cal (CaO) -procedente de la combustión de calcita- y su posterior hidratación con agua (Ca(OH)_2). Referir, que con el paso del tiempo, una pequeña parte del contenido en cal sufre un proceso de carbonatación por efecto del contacto con el CO_2 de la atmosfera (o del suelo), lo que favorece la aparición de pequeños cristales de calcita, de fácil identificación en los difractogramas analizados (Fig. 6).

No obstante, en dos muestras se ha detectado un elevado contenido en P_2O_5 , lo que sugiere la utilización de relleno de pasta blanca de distinta composición química, que probablemente corresponde a la adición de un fosfato de la variedad apatito. El análisis mineralógico de las muestras de polvo extraídas ha identificado hidroxiapatito ($\text{Ca}_5(\text{PO}_4)_3\text{OH}$), lo que podría corresponder con la fase biogénica (hueso) o con la fase mineralógica. No obstante, dada la presencia en otros contextos peninsulares de rellenos de pasta blanca producidos a través de la trituración de hueso (Odriozola y Hurtado, 2007) no habría que descartar su presencia en la cerámica campaniforme de Valencina de la Concepción, lo que ampliaría, por primera vez, su distribución territorial al valle

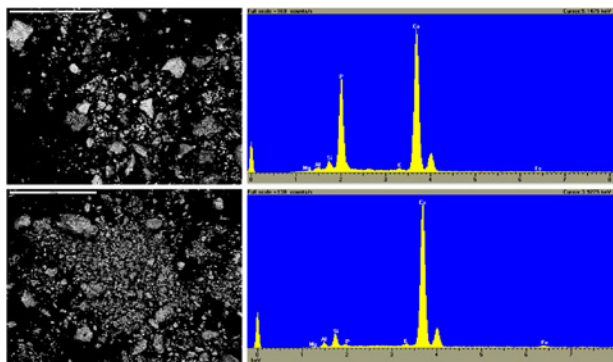


FIG. 6 Análisis en microscopio electrónico barrido: imagen de electrones retrordispersados y espectro del análisis químico del relleno de pasta blanca. Arriba: muestra de composición fosfatada; Abajo – muestra de composición carbonatada.

del Guadalquivir (Odriozola *et al.*, 2012). En este sentido, habría que enfatizar que el relleno de pasta blanca en las cerámicas campaniformes viene siendo identificado en varios contextos arqueológicos peninsulares, no sólo en Andalucía Occidental (Lazárich, 1999 y 2004; Odriozola *et al.*, 2012), sino también en la cuenca media del Guadiana (Odriozola y Hurtado, 2007), Ciempozuelos (Blasco, 1994), La Meseta (Martín y Delibes, 1989), Galicia (Lantes-Suárez *et al.*, 2010) o Francia (Salanova, 2000).

LA ORGANIZACIÓN DE LA PRODUCCIÓN

La acumulación y la asociación en un mismo contexto de un conjunto de elementos que se pueden identificar con las elites que vivieron en Valencina de la Concepción, nos lleva a retomar la hipótesis sobre que el campaniforme ha actuado verdaderamente como bien de prestigio, comportándose como elemento de legitimación ideológica de las relaciones de materialización del poder (DeMarrais *et al.*, 1996), formando parte de la parafernalia simbólica utilizada por las elites para exhibir su riqueza (Fig. 7).

Las sociedades atribuyen diferentes significados y valores a los distintos tipos de bienes, incluyendo aquellos objetos hechos con la misma materia prima, como la cerámica (Cobb, 2000). Los bienes de prestigio desempeñan un papel importante en la estructuración de las relaciones entre individuos o grupos ya que pueden ser utilizados para exhibir, ostentar y materializar simbólicamente los poderes instituidos (Brumfiel y Earle, 1987; Costin y Earle, 1989; Earle, 2002).

En términos generales, los elementos elegidos para materializar el poder presentan un cierto número de características o propiedades que les permiten cumplir con esas funciones y servir de apoyo a los mecanismos de cohesión/inversión de las relaciones sociales (Spielmann, 2002). En primer lugar, estos bienes deben estar apartados de las actividades cotidianas de subsistencia. Además, el valor social de un bien de prestigio se produce a menudo a partir de una materia prima difícil de trabajar, exótica, rara, difícil de conseguir o que procede de largas distancias y cuyo acceso implica la existencia de mecanismos de intercambio o circulación. A menudo, estos bienes requieren conocimientos especializados y una mayor inversión de trabajo, ya que el tiempo invertido en las diferentes cadenas operativas es superior (Kerner, 2010).

Como se ha detallado, en el caso de la cerámica campaniforme de Valencina de la Concepción, las vasijas parecen ser fabricadas con arcillas de mejor calidad, con pastas más depuradas, acabados esmerados y la exhibición de profusas decoraciones en las superficies, algunas con motivos que presentan un elevado carácter estético y simbólico. El alto valor simbólico intrínseco



FIG. 7 Registro arqueológico documentado en los contextos de la calle Trabajadores: terracota ginemorfa, ídolos bétilos, hachas de cobre, lámina de oro y ídolo cilíndrico decorado.

asociado al cuidado en su elaboración técnica y decorativa los convierten en objetos singularmente importantes para sus usufructuarios/poseedores ya que su exhibición y manipulación en momentos concretos para las comunidades (fiestas, celebraciones, ritos de iniciación y hospitalidad) sirvieron para los propósitos de legitimación de los grupos dominantes (Garrido-Pena, 2005). En este sentido, habría que enfatizar que la competición por el prestigio y por el poder toma forma a menudo en festines, banquetes o rituales de comensalidad.

La manipulación simbólica del significado de determinados elementos de la cultura material es un dispositivo estratégico en la centralización y consolidación de los poderes políticos, ya que transmiten un mensaje con un significado percibido por toda la comunidad. Estas formas tangibles y compartidas de expresar ideas, creencias, valores o normas es un proceso estratégico en el que los líderes asignan recursos para fortalecer y legitimar instituciones de poder (DeMarrais *et al.*, 1996: 16). Las estructuras de significación son direccionadas

y movilizadas para legitimar los intereses de un grupo, rivalizar con otros grupos, permitiendo la creación de una identidad como líderes o como grupos dominantes (Giddens, 1979: 188).

La materialización de un conjunto de ideas, creencias, valores y normas, comunes y reconocidas por toda la comunidad (DeMarrais *et al.*, 1996), permite crear un elemento objetivo de manipulación estratégica mediante su incorporación, por ejemplo, en los procesos productivos. En este sentido, puesto que el proceso de materialización de la ideología es, sobre todo, un proceso de producción, para mantener el valor social de estos aparatos ideológicos y el monopolio de su uso, las elites tienden a desarrollar mecanismos de control de la producción y distribución, mediante la limitación del uso de determinados recursos, controlando las tecnologías utilizadas en la producción o, en casos más extremos, a través del control de la fuerza de trabajo (Friedman y Rowlands, 1977). En términos generales, el control sobre la producción inhibe el desarrollo de procesos de emulación o reproducción de estos aparatos ideológicos. A este respecto, D. Miller (1982: 89), a propósito de los Dangwara de la India central, señala que algunos individuos o grupos en su deseo por alcanzar rangos sociales superiores pueden adoptar el uso de ciertos ítems o estilos asociados a ese grupo superior. Asimismo, si el grupo anterior desea mantener su posición superior debe intentar evitarlo, por ejemplo controlando los mecanismos de producción y distribución, o adoptar nuevos símbolos y significados colectivos al objeto de mantener el poder y el orden social. Además, el control sobre la circulación y distribución de algunos ítems permite expandir el dominio simbólico sobre amplias regiones, formando alianzas, manipulando identidades, fortaleciendo la cohesión intergrupal y definiendo fronteras y límites sociales (Odrizola *et al.*, 2012).

El surgimiento de contextos de producción dependientes se encuentra vinculado a complejos engranajes sociopolíticos, de entre los cuales el más importante es la aparición de un liderazgo que utiliza esos bienes para demarcar y reforzar las distancias sociales (Brumfiel y Earle, 1987). En este sentido, E. Brumfiel y T. Earle fueron los primeros autores en explicar la naturaleza política de los sistemas económicos sobre las bases de la existencia de una producción que se puede desarrollar según el grado de dependencia de los agentes sociales de la producción. Lo que distingue una producción independiente de una producción vinculada es que ésta suele estar asociada a la producción de ítems con alto valor económico, simbólico, ideológico y social que confieren determinado estatus. Este proceso presenta un fuerte carácter político ya que tiene como objetivo mantener la producción y distribución de determinados bienes bajo una autoridad dictada por individuos

o grupos sociales. El control sobre la producción de determinados ítems surge igualmente como un mecanismo de control sobre la sociedad ya que en ocasiones las actividades productivas se desarrollan en ámbitos espaciales próximos o bajo la vigilancia directa de las elites sociales (Sinopoli, 1988).

Como se ha expuesto, en el caso de Valencina de la Concepción, la utilización preferencial de arcillas locales para la producción de la gran mayoría de los recipientes campaniformes de Valencina de la Concepción, podría indicar la existencia de mecanismos de control directo de los procesos de aprovisionamiento o del proceso productivo en su totalidad.

No obstante, frente a la homogeneidad en las cadenas operativas de la cerámica común que evidencian la existencia de una receta compartida a nivel comunitario, las cerámicas campaniformes manifiestan algunos cambios en los procesos de producción. El surgimiento de la cerámica campaniforme no presenta una ruptura completa en relación a la cerámica utilitaria ya que, para su producción, se han utilizado arcillas similares a las empleadas en la manufactura de algunas cerámicas de uso común. No obstante, se observan innovaciones en las diversas cadenas operativas. En primer lugar, el procesado de la materia prima ha sido desarrollado según un tratamiento tecnológico diferenciado de las pastas, con la utilización de arcillas con desgrasante de menor tamaño permitiendo, de este modo, elaborar recipientes distintos con paredes más finas, compactas y menos porosas. Estas nuevas formas cerámicas exigen igualmente la adopción de procedimientos tecnológicos más complejos y de gestos técnicos más cuidados, ya que el riesgo de quebrarse la vasija durante su manufactura es manifiestamente superior. En segundo lugar, las cocciones reductoras, el tratamiento de las superficies, casi siempre bruñidas, y la decoración incisa e impresa con motivos rellenos con pasta blanca sugieren un mayor tiempo dedicado en la elaboración de cada recipiente. La utilización de pasta blanca en las decoraciones de los vasos campaniformes apunta la existencia de conocimientos técnicos avanzados, ya que el dominio de esta técnica requirió la adopción y el aprendizaje de recetas tecnológicas desconocidas hasta ese momento en la actividad alfarera de Valencina de la Concepción. Este nuevo modelo tecnológico implicó la introducción de nuevos procesos de trabajo, más complejos y especializados, y nuevas herramientas que han requerido un mayor tiempo invertido para la materialización de cada pieza, superior al de cualquier recipiente no campaniforme. La información aportada señala que la cerámica campaniforme fue mentalmente concebida e intencionalmente producida de forma distinta a la cerámica común, obediendo a una receta técnica distinta a la desarrollada para la producción de recipientes de uso doméstico.



FIG. 8 Registro funerario documentado en los contextos de la calle Trabajadores.

Los datos sugieren que la cerámica campaniforme fue producida probablemente por un número reducido de unidades de producción vinculadas al grupo social que habitó el área central de Valencina de la Concepción, pudiéndose hablar de la existencia de artesanos especializados en la realización de este tipo de cerámica. No obstante, la presencia limitada y reducida de registros de cerámica campaniforme en todo el asentamiento de Valencina de la Concepción sugiere una producción de carácter extraordinario, orientada exclusiva-

mente a ser utilizada en una ceremonia o ritual. En este sentido, Clark (1995) señala que este tipo de objetos suelen presentar un volumen de producción reducido precisamente debido a la especificidad de su producción. Así pues, se puede explicar la relativa heterogeneidad evidenciada en los procesos de aprovisionamiento asociados a la producción de recipientes campaniformes, ya que estas cerámicas de prestigio son ítems únicos y especiales que a menudo expresan las fenomenologías propias de sus productores (Costin, 1991).

No es de descartar, sin embargo, el desarrollo de formas alternativas de control sobre la producción, por ejemplo mediante la creación de narrativas imbuidas de creencias, leyendas, tabús o cosmogonías que limiten ideológicamente la producción de ciertos elementos de prestigio. En este sentido, O. Gosselain y A. Livingstone Smith (2005) señalan que los procesos de producción alfarera en algunas comunidades africanas están rodeados de mecanismos ideológicos que apartan a algunas personas de los procesos de aprovisionamiento y preparación de las materias primas cerámicas. Este podría haber sido el mecanismo utilizado para controlar la producción de vasijas campaniformes basado en el control de los sistemas de conocimiento y creencias colectivas. La producción artesanal puede ella misma estar cargada de un fuerte contenido simbólico, en una entramado social donde productores y no productores codifican y descodifican determinados mensajes políticos e ideológicos (Inomata, 2001). En efecto, el poder simbólico es un poder invisible que sólo puede ejercerse con la complicidad de todos aquellos que forman parte de la comunidad, funcionando como instrumento de comunicación y de conocimiento y cumpliendo la función política de instrumentos de imposición y legitimación de la dominación (Bourdieu, 2011).

CONSUMO Y AMORTIZACIÓN: UNA PROPUESTA ALTERNATIVA DE INTERPRETACIÓN

El hecho de que todos los recipientes campaniformes recuperados en los contextos arqueológicos de Valencina de la Concepción aquí analizados presenten un elevado grado de fracturación, no descarta la existencia de rituales que implican su fractura intencionada, tratándose de productos específicamente fabricados para una exclusiva amortización en un ambiente imbuido de una fuerte carga simbólica. Esta práctica de quebrar recipientes en ocasiones especiales viene siendo documentada por ejemplo en los ajuares de tumbas megalíticas (Nocete *et al.*, 1999) y se mantiene hasta la actualidad en varias culturas, asociada a costumbres, creencias y rituales supersticiosos (véase a este respecto las aportaciones y reflexiones críticas de Chapman, 2000). Como se ha comentado anteriormente, ello ocurre igualmente con los recipientes campaniformes documentados en las tumbas de la necrópolis de Valencina de la Concepción. Como señala Garrido-Pena (2005), la presencia de vasos rotos en contextos funerarios podría estar relacionada con majestuosos *silicernia* depositados en las tumbas, resultado de un banquete ceremonial desarrollados en honor del fallecido.

En este sentido, la utilización de vasijas decoradas con pasta blanca, estéticamente más atractivas que las cerámicas comunes, podría ser un elemento que refuerza la

importancia visual (ostentación, exhibición, etc.) de las prácticas de fragmentación y del ritual asociado (Chapman, 2008), creando un mayor impacto escénico sobre la comunidad mediante su transformación en *enchanted objects* (Spielmann, 2002). En el caso de Valencina de la Concepción, los contextos arqueológicos de la calle Trabajadores señalan la presencia de otros elementos de prestigio que han sido igualmente identificados con señales de fracturación, como un ídolo cilíndrico oculado que aparece cortado justo en la base de los ojos (Fig. 7). Además, habría que referir el surgimiento de un cráneo humano sin esqueleto post-craneal, lo que puede indicar la práctica de sacrificios humanos, quizás refrendado por la presencia en algunos fragmentos de cráneo (parietal, frontal y temporal), vértebras cervicales y radio de marcas de corte que pudieran estar relacionadas con acciones de descarnamiento o desmembramiento (Herrero, 2015) (Fig. 8). En el área próxima al hallazgo del conjunto de hachas de cobre que corresponden a un depósito intencional cerrado, ya que aparecieron apiladas y con improntas o marcas adheridas de algún tipo de fibra vegetal, se han detectado igualmente nueve cráneos humanos con escasa presencia de esqueleto post-craneal y dos ídolos placas decorados, ambos fragmentados y pertenecientes a ejemplares diferentes (López Aldana y Pajuelo, 2013). Todo ello refuerza la idea de que los recipientes campaniformes son uno de los elementos de la *performance* en los rituales practicados en este área del asentamiento de Valencina de la Concepción.

CONCLUSIÓN

No podemos disociar el surgimiento de la ideología campaniforme a mediados del III Milenio A.N.E., y de todas sus formas de materialización, sin referir las profundas transformaciones sociales que ocurren en el Sur de la Península Ibérica desde los finales del IV Milenio A.N.E. La consolidación e intensificación de la economía agraria supuso la emergencia de las primeras sociedades económica y políticamente complejas y los primeros centros de poder como Valencina de la Concepción. En su interior se observa una sociedad cada vez más dividida entre productores y consumidores, y el surgimiento de los primeros sectores artesanales especializados, algunos de los cuales, como la producción de marfil y probablemente del cobre, se destinan a consolidar el poder de una pequeña elite social. No obstante, en el caso del Campaniforme, su surgimiento en Valencina de la Concepción no se destina solamente a consolidar los liderazgos sociales, sino que más bien surge de una necesidad cada vez más evidente de legitimar ese orden social, no sólo mediante el control de la fuerza de trabajo sino también mediante la manipulación de los símbolos y significados colectivos.

BIBLIOGRAFÍA

- ARTEAGA MATUTE, O.; CRUZ-AUÑÓN BRIONES, M.^a R. (1999) – Las nuevas sepulturas (tholoi) y los enterramientos bajo túmulos (tartesios) de Castilleja de Guzmán (Sevilla). Excavación de urgencia de 1995. *Anuario Arqueológico de Andalucía 1995, volumen III*, Junta de Andalucía, Sevilla, p. 640-651.
- BLASCO, M.^a C. (ed.) (1994) – El horizonte campaniforme de la región de Madrid en el Centenario de Ciempozuelos. Universidad Autónoma de Madrid.
- BOURDIEU, P. (2011) – *O Poder Simbólico*. Edições 70, Lisboa.
- BRUMFIEL, E.; EARLE, T. (1987) – Specialization, Exchange, and Complex Societies: An Introduction. In E. BRUMFIEL; T. EARLE (eds.) – *Specialization, Exchange, and Complex Societies*. Cambridge University Press, p. 1-9.
- CARO, A. (1989) – Consideraciones sobre el Bronce Antiguo y Pleno. In *Tartesos, Arqueología, Protohistórica del Bajo Guadalquivir*, p. 85-97.
- CHAPMAN, J. (2000) – Fragmentation in archaeology: People, places, and broken objects in the Prehistory of South Eastern Europe, Routledge, London.
- CHAPMAN, J. (2008) – Object Fragmentation and Past Landscape. In David, B.; Thomas, J. (ed.) – *Handbook of Landscape Archaeology*, Left Coast Press, p. 187-201.
- CLARK, J. (1995) – Craft Specialization as an Archaeological Category. *Research in Economic Anthropology*, vol. 14, p. 267-294.
- CLARKE, D. L. (1976) – The Beaker Network social and economic models. In LANTING, J. N.; VAN DER WAALS, J. D. (eds.) – *Glockenbecher Symposium* (Oberried 1974), p. 459-477.
- COBB, C. (2000) – From Quarry to Cornfield. The Political Economy of Mississippian Hoe Productions. The University Alabama Press.
- COSTA CARAMÉ, M. E.; DÍAZ-ZORITA BONILLA, M.; GARCÍA SANJUÁN, L.; WHEATLEY, D. W. (2010) – El asentamiento de la Edad del Cobre de Valencina de la Concepción (Sevilla). Demografía, metalurgia y organización espacial. *Trabajos de Prehistoria*, vol. 67(1), p. 87-118.
- COSTIN, C. L.; EARLE, T. K. (1989) – Status distinction and legitimization of power as reflected in changing patterns of consumption in Late Prehispanic Peru. *American Antiquity*, vol. 54, p. 691-714.
- COSTIN, C.L. (1991): Craft Specialization: Issues in defining, documenting, and explaining the organization of production. In SCHIFFER, M. B. (ed.) – *Archaeological methods and theory*. The University of Arizona, p. 1-56.
- CRUZ-AUÑÓN BRIONES, R.; ARTEAGA MATUTE, O. (1999) – Acerca de un campo de silos y un foso de cierre prehistóricos ubicados en «La Estacada Larga» (Valencina de la Concepción, Sevilla). Excavación de urgencia de 1995. *Anuario Arqueológico de Andalucía 1995*, vol. III, Junta de Andalucía, p. 600-607.
- CRUZ-AUÑÓN, R.; ARTEAGA, O. (2001) – La Alcazaba. Un espacio social aledaño a la periferia del poblado prehistórico de Valencina de la Concepción (Sevilla). Excavación de Urgencia de 1996. *Anuario Arqueológico de Andalucía 1996*, p. 701-709.
- DEMARRAIS, E.; CASTILLO, L. J.; EARLE, T. (1996) – Ideology, Materialization, and Power Strategies. *Current Anthropology*, vol. 37, p. 15-31.
- EARLE, T. K. (2002) – Bronze Age Economics. The beginning of political economies. Cambridge, Westview.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F.; OLIVA ALONSO, D. (1986) – Valencina de la Concepción (Sevilla). Excavaciones de urgencia. *Revista de Arqueología*, vol. 58, p. 19-33.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F.; RUIZ MATA, D. (1978) – El «Tholos» del Cerro de la Cabeza en Valencina de la Concepción (Sevilla). *Trabajos de Prehistoria*, vol. 35, p. 193-224.
- FRIEDMAN, J.; ROWLANDS, M. J. (1977) – Notes toward an Epigenetic Model of the Evolution of «Civilization». In J. FRIEDMAN; M. J. ROWLANDS (eds.) – *The Evolution of Social Systems*, Duckworth, p. 201-278.
- GALÁN, E.; PÉREZ, J. L. (1989) – Geología de Sevilla y alrededores y características geotécnicas de los suelos del área urbana. Ayuntamiento de Sevilla.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; VARGAS, J. M.; HURTADO, V.; RUIZ, T.; CRUZ-AUÑÓN, R. (2013) – *El asentamiento prehistórico de Valencina de la Concepción (Sevilla). Investigación y Tutela en el 150 aniversario del descubrimiento de La Pastora*. Universidad de Sevilla, Sevilla.
- GARRIDO-PENA, R. (2000) – *El Campaniforme en La Meseta Central de la Península Ibérica (c. 2500-2000 AC.)*. BAR International Series 892, Archaeopress, Oxford.
- GARRIDO-PENA, R. (2005) – El Laberinto campaniforme: Breve Historia de un reto intelectual. In ROJO GUERRA, M. A.; GARRIDO PENA, R.; GARCÍA-MARTÍNEZ DE LAGRÁN, Í. (eds.) – *El Campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo/Bell Beakers in the Iberian Peninsula and their european context*. Salamanca, Universidad de Valladolid, p. 29-60.
- GIDDENS, A. (1984) – *The Constitution of Society. Outline of the Theory of Structuration*. Cambridge
- GOSELAIN, O. P.; LIVINGSTON-SMITH, A. (2005) – The source. Clay selection and processing practices in the sub-saharian Africa. In A. LIVINGSTONE-SMITH, D. BOSQUET; R. MARTINEAU (eds.) – *Pottery manufacturing processes: reconstitution and interpretation*. BAR International 1349, Archaeopress, p. 33-47.
- GUERRA DOCE, E. (2006) – Sobre la función y el significado de la cerámica campaniforme a la luz de los análisis de contenidos. *Trabajos de Prehistoria*, vol. 63, p. 69-84.
- HERRERO CORRAL, A. M. (2015) – *Informe antropológico de los restos óseos humanos de la UE 2 de la Estructura 1 de C/Trabajadores 14-18 (Valencina de la Concepción, Sevilla)*. Inédito.
- INÁCIO, N. (2015) – *Alfarería y Metalurgia. Contribución del análisis arqueométrico para el estudio de los patrones de producción, distribución y consumo de cerámica en el Suroeste de la Península Ibérica durante el III Milenio A.N.E.* Tesis Doctoral, Universidad de Huelva.
- INÁCIO, N.; NOCETE CALVO, F.; NIETO LIÑÁN, J. M.; LÓPEZ ALDANA, P. M.; PAJUELO, A.; RODRÍGUEZ BAYONA, M.; ABRIL, D. (2012) – Cerámica común y campaniforme en Valencina de la Concepción (Sevilla): Indagando su precedencia través del análisis arqueométrico. *Estudios Arqueológicos de Oeiras (Actas del IX Congreso Ibérico de Arqueometría)*, vol. 19, p. 95-104.
- INOMATA, T. (2001) – The power and ideology of artistic creation. Elite Craft specialists in Classic Maya society. *Current Anthropology*, vol. 42, p. 321-349.
- KERNER, S. (2010) – Craft Specialisation and Its Relation with Social Organisation in the Late 6th to Early 4th Millennium BCE of The Southern Levant. *Paléorient*, vol. 36(1), p. 179-198.
- LANTES-SUÁREZ, O.; PRIETO-MARTÍNEZ, M.P.; MARTÍNEZ, A. (2010) – Caracterización de Pastas Blancas incrustadas en decoraciones de campaniformes gallegos. Indagando sobre su procedencia. *Actas del VIII Congreso Ibérico de Arqueometría*, Teruel, p. 87-99.
- LAZARICH, M.^a (1999) – *El Campaniforme en Andalucía Occidental*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Cádiz.
- LAZARICH, M.^a (2005) – El Campaniforme en Andalucía. In M.A. ROJO-GUERRA, R.; GARRIDO-PENA, I. GARCÍA-MARTÍNEZ (eds.) – *El Campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo/Bell beakers in the Iberian Peninsula and their european context*. Valladolid, Universidad de Valladolid, p. 351-370.
- LÓPEZ ALDANA, P. M.; PAJUELO PANDO, A.; MEJÍAS-GARCÍA, J. C.; CRUZ-AUÑÓN, M. R. (2015) – Variabilidad Funeraria en las Sociedades del III Milenio en el Sector Señorío de Guzmán de Valencina-Castilleja (Sevilla). In ROCHA, L.; BUENO-RAMÍREZ, P.; BRANCO, G. (eds.) – *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials*. BAR International Series 2708, Oxford, p. 257-274.

- LÓPEZ ALDANA, P.; PAJUELO PANDO, A. (2001) – Estrategias político-territoriales de un poder central. *Revista Atlántico Mediterránea de Prehistoria y Arqueología*, vol. 4, p. 207-227.
- LÓPEZ ALDANA, P.; PAJUELO PANDO, A. (2011) – Las primeras sociedades estatales del Bajo Guadalquivir. In DOMÍNGUEZ PÉREZ, J. C. (coord.) – *Gadir y el Círculo del Estrecho Revisados. Propuestas de la Arqueología desde un Enfoque Social*. Universidad de Cádiz, p. 119-127.
- LÓPEZ ALDANA, P.; PAJUELO PANDO, A. (2013) – La secuencia ocupacional durante el III milenio ANE en C/ Trabajadores 14-18 (Valencina de la Concepción, Sevilla). In GARCÍA SANJUÁN, L.; VARGAS JIMÉNEZ, J. M.; HURTADO PÉREZ, V.; RUIZ MORENO, T.; CRUZ-AUÑÓN BRIONES, R. (eds.) – *El Asentamiento Prehistórico de Valencina de la Concepción (Sevilla): Investigación y Tutela en el 150 aniversario de Descubrimiento de La Pastora*. Universidad de Sevilla, p. 157-169.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C.; MIRANDA, J. M. (1988) – El poblado calcolítico de Valencina de la Concepción (Sevilla): Una revisión crítica. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, vol. 15. Universidad Autónoma de Madrid, p. 37-67.
- MARTÍN ESPINOSA, A.; RUIZ MORENO, M. T. (1992) – Excavación calcolítica de urgencia en la finca 'La Gallega' 1.ª fase. Valencina de la Concepción, Sevilla. *Anuario Arqueológico de Andalucía 1990. Volumen III*, Junta de Andalucía, p. 455-458.
- MARTIN, R.; DELIBES, G. (1989) – *La Cultura del Vaso Campaniforme en las campiñas meridionales del Duero: el enterramiento de Fuente-Olmedo*. Junta de Castilla y León, Valladolid.
- MILLER, D. (1982) – Structures and strategies: an aspect of the relationship between social hierarchy and cultural change. In I. HODDER (ed.) – *Symbolic and structural archaeology*, Cambridge University Press, p. 89-98.
- NOCETE, F. (2001) – *Tercer Milenio antes de Nuestra Era. Relaciones y contradicciones centro/periferia en el Valle del Guadalquivir*. Bellaterra. Barcelona.
- NOCETE, F. (2014) – Las sociedades complejas (IV y III Milenio cal B.C.) en la Iberia Meridional. Protohistoria de la Península Ibérica: Del Neolítico a la Romanización (ed. M. Almagro-Gorbea), Fundación Atapuerca – Universidad de Burgos, pp. 83-94.
- NOCETE, F. (Coord.) (2004) – *ODIEL. Proyecto de Investigación Arqueológica para el análisis del origen de la desigualdad social en el suroeste de la Península Ibérica*. Monografías de Arqueología n.º 19. Consejería de Cultura, Junta de Andalucía, Sevilla.
- NOCETE, F.; LIZCANO, R.; BOLAÑOS, C. (1999) – *Más que Grandes Piedras. Patrimonio, Arqueología e Historia desde la Primera Fase del Programa de Puesta en Valor del Conjunto Megalítico de El Pozuelo (Zalamea la Real, Huelva)*. Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía. Sevilla.
- NOCETE, F.; QUEIPO, G.; SÁEZ, R.; NIETO, J. M.; INÁCIO, N.; BAYONA, M. R.; PERAMO, A.; VARGAS, J. M.; CRUZ, R.; GIL-IBARBUCGI, J. I.; SANTOS, J. F. (2008) – The smelting quarter of Valencina de la Concepción (Seville, Spain): the specialised copper industry in a political centre of the Guadalquivir Valley during the Third millennium BC (2750-2500 BC). *Journal of Archaeological Science*, vol. 35, p. 717-732.
- NOCETE, F.; SÁEZ, R.; BAYONA, M.R.; PERAMO, A.; INACIO, N.; ABRIL, D. (2011) – Direct chronometry (14C AMS) of the earliest copper metallurgy in the Guadalquivir Basin (Spain) during the Third millennium BC: First Regional Database. *Journal of Archaeological Science*, vol. 38, p. 3278-3295.
- NOCETE, F.; SÁEZ, R.; BAYONA, M.R.; NIETO, J.M.; PERAMO, A.; LÓPEZ, P.; GIL-IBARGUCHI, J.I.; INÁCIO, N.; GARCIA, S.; RODRÍGUEZ (2014) – Gold in the Southwest of the Iberian Peninsula during the 3rd Millenium BC. *Journal of Archaeological Science*, vol. 41, p. 691-704.
- ODRIOZOLA, C. P.; HURTADO, V.; GUERRA DOCE, E.; CRUZ-AUÑÓN, R.; DELIBES DE CASTRO, G. (2012) – Los rellenos de pasta blanca en cerámicas campaniformes y su utilización en la definición de límites sociales. *Estudios Arqueológicos de Oeiras 19. (Actas del IX C.I.A.)* Lisboa, p. 143-154.
- ODRIOZOLA, C.P.; HURTADO, V. (2007) – The manufacturing process of 3rd millennium BC bone based incrustrated pottery decoration from the Middle Guadiana river basin (Badajoz, Spain). *Journal of Archaeological Science*, vol. 34(11), p. 1794-1803.
- ORIHUELA, A. (1999) – *Historia de la Prehistoria: el suroeste de la península ibérica*. Diputación Provincial de Huelva. Huelva.
- ORTEGA GORDILLO, M. (2013) – El registro estratigráfico en el Pabellón Cubierto de Valencina de la Concepción (Sevilla). In GARCÍA SANJUÁN, L.; VARGAS JIMÉNEZ, J. M.; HURTADO PÉREZ, V.; RUIZ MORENO, T.; CRUZ-AUÑÓN BRIONES, R. (eds.) – *El Asentamiento Prehistórico de Valencina de la Concepción (Sevilla): Investigación y Tutela en el 150 aniversario de Descubrimiento de La Pastora*. Universidad de Sevilla, p. 113-130.
- PAJUELO PANDO, A.; LÓPEZ ALDANA, P. M. (2001) – Ideología y control político durante el III milenio a.n.e. en el Bajo Guadalquivir. *Revista Atlántico Mediterránea de Prehistoria y Arqueología*, vol. 4, p. 229-255.
- PAJUELO PANDO, A.; LÓPEZ ALDANA, P. M. (2016) – Prestige indicators and Bell Beaker ware at Valencina de la Concepción (Sevilla, Spain). In GUERRA DOCE, E.; LIESAU VON LETTOW-VORBECK, C. (eds.) – *Analysis of the Economic Foundations Supporting the Social Supremacy of the Beaker Groups*. Oxford. Archaeopress Archaeology, p. 55-68.
- ROJO-GUERRA, M.A.; GARRIDO-PENA, R.; GARCÍA-MARTÍNEZ, I. (2005) – *El Campaniforme en la Península Ibérica y su Contexto Europeo*. Universidad de Valladolid y Junta de Castilla y León.
- ROSA, J.; CASTRO, A. (2004) – Magmatismo de la Zona Sudportuguesa. In J. A. VERA (ed.) – *Geología de España*, SGE-IGME, Madrid, p. 215-222.
- ROSA, J. (1992) – *Petrología de las rocas básicas y granitoides del batolito de la Sierra Norte de Sevilla*. Tesis Doctoral, Universidad Sevilla.
- SALANOVA, L. (2000) – *La question du campaniforme en France et dans les îles Anglo-Normandes*. Édition du CTHS, Société Préhistorique Française.
- SHANKS, M.; C. TILLEY (1982) – Ideology, symbolic power and ritual communication: a reinterpretation of neolithic mortuary practices. In I. HODDER (ed.) – *Symbolic and Structural Archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 129-154.
- SHERRATT, A. (1997) – *Economy and Society in Prehistoric Europe. Changing Perspectives*. Edinburg University Press.
- SINOPLI, C. (1988) – The Organization of Craft Production at Vijayanagara, South India. *American Anthropologist*, vol. 90, p. 580-597.
- SPIELMANN, K. (2002) – Craft Specialization, and the Ritual Mode of Production in Small-Scale Societies. *American Anthropologist*, vol. 104(1), p. 195-207.
- VARGAS JIMÉNEZ, J. M. (2004) – *Carta Arqueológica de Valencina de la Concepción (Sevilla)*. Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía. Sevilla.